

Vol. 01, Nº 03 (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS

O DIALETO CAIPIRA DA PAULISTÂNIA:
REMINISCÊNCIAS EM BURITIZAL/SP

Maria Aparecida Martins de Paula



Maria Aparecida Martins de Paula¹

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1039-0559>

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9953473984199866>

RESUMO: Um observador desrido do preconceito linguístico, inserido no universo cotidiano do falar caipira pode compreender melhor a riqueza dessa modalidade linguística para expressar conceitos e circunstâncias das vivências desses falantes na sua comunidade, particularmente sobre a natureza, a agricultura, as emoções e os fazeres e saberes locais. Este trabalho tem o objetivo de fazer algumas reflexões iniciais acerca da origem e da constituição do dialeto caipira na região da Paulistânia e verificar a hipótese de existência de seus traços remanescentes na língua falada atualmente na cidade de Buritizal, no interior do Estado de São Paulo. Trata-se de pesquisa qualitativa na área de filologia, com abertura epistemológica para a linguística e para a dialetologia, sob o referencial teórico de Amadeu Amaral, realizada pelo método dedutivo, com a utilização da bibliografia e do recurso metodológico da observação participante, mediante a vivência da própria autora no presente e no passado na comunidade observada. O resultado da pesquisa é descrito no artigo pelo percurso de aprendizagem da autora, com as perguntas e respostas necessárias para apreender o objeto de estudo em caráter geral e específico.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetos caipira. Traços remanescentes na língua falada. Interior de São Paulo.

Abstract: An observer devoid of linguistic prejudice, inserted in the everyday universe of “caipira” speech, can better understand the richness of this linguistic modality to express concepts and circumstances of the experiences of these speakers in their community, particularly about nature, agriculture, the emotions and local practices and knowledge. This work aims to make some initial reflections about the origin and constitution of the “caipira” Brazilian dialect in the Paulistânia region and verify the hypothesis of the existence of its remaining traces in the language currently spoken in the city of Buritizal, in the interior of the State of São Paulo. This is qualitative research in the area of philology, with an epistemological approach to linguistics and dialectology, under the theoretical framework of Amadeu Amaral, carried out through the deductive method, using bibliography and the methodological resource of participant observation, through experience of the author herself in the present and in the past in the observed community. The result of the research is described in the article through the author's learning path, with the questions and answers necessary to understand the object of study in general and specific terms.

Keywords: “Caipira” Brazilian dialect. Remaining traces in the spoken language. Interior of São Paulo.

¹ É Doutoranda em Ciências no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da USP e integrante do Projeto de Pesquisa “Segurança Jurídica Coletiva” do Grupo de Pesquisa “Cidadania, Constituição e Estado Democrático de Direito” da Universidade Mackenzie. É Mestre em Direito pela Universidade Mackenzie e Mestre em Matemática pela USP, Especialista em Direito Tributário e em Direito Processual Civil, Bacharel em Direito e graduada em Engenharia Elétrica. E-mail mariadepaula@usp.br, Orcid <https://orcid.org/0009-0003-1039-0559>, Lattes <http://lattes.cnpq.br/9953473984199866>.

Em 1920, Amadeu Amaral introduziu seu emblemático livro chamando a atenção para a grande abrangência de utilização do dialeto caipira no território paulista algumas décadas antes, nestes termos:

Tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialeto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. É de todos sabido que o nosso falar caipira - bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível - dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência (Amaral, 1955).

Tanto que a elite política brasileira até temia a expansão do falar caipira para além do espaço de influência de São Paulo para os bacharéis do País, como relata Amadeu Amaral, nas discussões sobre a criação do curso de direito no Largo de São Francisco, hoje Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP):

Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios vícios de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para sede de um deles, houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país (Amaral, 1955).

Quem experimenta o falar caipira executado dentro do seu universo cotidiano, longe da névoa das estigmatizações e dos preconceitos linguísticos, pode compreender melhor a riqueza dessa modalidade linguística, que expressa com primor os conceitos e as circunstâncias das vivências de seus falantes, particularmente sobre a natureza, o clima, a agricultura, os animais, as plantas, as personalidades, os fazeres, as comidas, os saberes e as emoções.

O interesse pessoal na pesquisa tem raízes no momento em que a pesquisadora começou a se dar conta que, na escola em Buritizal, no interior de São Paulo, a sua alfabetização fora feita em uma outra modalidade linguística, bastante diversa daquela falada em casa e nas ruas da cidade, o que era, de todo modo, encantador.

Trata-se de pesquisa qualitativa na área de filologia, com abertura epistemológica para a linguística e a dialetologia, realizada pelo método dedutivo, com o objetivo de fazer reflexões iniciais, decorrentes do primeiro contato acadêmico com o assunto, acerca do dialeto caipira na região da Paulistânia, bem como alguns dos seus traços remanescentes na língua falada em Buritizal, observados pela

própria pesquisadora em sua vivência no passado e no presente nessa cidade. A parte geral da pesquisa é de cunho bibliográfico e a parte específica lança mão do recurso metodológico da observação participante.

Na observação participante,

(...) o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo; participa nas relações sociais e procura entender as ações no contexto da situação observada. As pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu próprio ambiente. Assim, na observação participante o pesquisador deve se tornar parte de tal universo para melhor entender as ações daqueles que ocupam e produzem culturas, apreender seus aspectos simbólicos, que incluem costumes e linguagem (Proença, 2007).

Após leituras preliminares do material bibliográfico levantado, surgiram várias dúvidas para a pesquisadora cujos esclarecimentos seriam necessários para compreensão do tema. Percebeu-se, então, que o resultado da pesquisa poderia ser constituído pelo próprio percurso de aprendizagem da autora para a apreensão do objeto de estudo, com as respostas aos questionamentos formulados no curso da investigação, que são os tópicos a seguir.

1. Quem é o caipira?

Acredita-se que o vocábulo “caipira” surgiu da gênese dos termos “kari-boka” (filho de branco com indígena) e “caipora” (habitante do mato) do nheengatu, para designar os descendentes de brancos e indígenas que viviam no campo, nos arredores dos caminhos trilhados pelas bandeiras paulistas (Carvalho, 2021).

Em que pese a origem do termo, a palavra “caipira” não tem propriamente um significado racial ou étnico, mas a acepção de um modo de ser e de viver, como ressalva Cândido (2023), especialmente na área de influência histórica paulista, mas não só. Nessa linha, Cândido aponta os termos “caipira branco”, “caipira mulato” e “caipira preto” descritos em livro de Cornélio Pires, que sugerem a incorporação dos diversos grupos étnicos ao universo da cultura rústica de São Paulo, num processo de “acaipiramento”.

Na região de Buritizal/SP, por exemplo, observa-se que muitos imigrantes italianos se integraram perfeitamente ao conjunto homogêneo da cultura caipira, principalmente em sítios com agricultura de subsistência.

A cultura caipira foi determinada nos séculos XVI, XVII e XVIII a partir da Capitania de São Paulo, na região da Paulistânia, como um “lençol de cultura caipira

com variações locais, que abrangia partes das capitâncias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso" (Candido, 2023, p. 103), ao redor do caminho de mobilidade das bandeiras e entradas, que buscavam, além de incorporar novos territórios às terras da Coroa Portuguesa (Candido, 2023), a exploração com busca de metais preciosos, caça e pesca, extrativismo e agricultura. Nesse sentido, afirma Antonio Candido:

(...) A vida social do caipira assimilou e conservou os elementos condicionados pelas suas origens nômades. A combinação dos traços culturais indígenas e portugueses obedeceu ao ritmo nômade do bandeirante e do povoador, conservando as características de uma economia largamente permeada pelas práticas de presa e coleta, cuja estrutura instável dependia da mobilidade dos indivíduos e dos grupos. Por isso, na habitação, na dieta, no caráter caipira, gravou-se para sempre o provisório da aventura (Candido, 2023, p. 50).

Dessa forma, como a cultura caipira se inicia com o ajustamento do grupo social ao meio em decorrência das bandeiras paulistas, uma atividade nômade e predatória, o modo de viver do caipira foi caracterizado por caça e pesca, agricultura primitiva, mínimo vital, precariedade, isolamento em grupos, cooperação entre vizinhos, economia fechada, posse irregular da terra, violência etc., de onde se pode depreender seu espírito de aventura, valentia, rusticidade e pouca sociabilidade (Candido, 2023).

Com os hábitos sedentários da agricultura de subsistência a partir do século XVIII, o caipira se fixa à terra, havendo um certo abrandamento dos seus costumes, que é corroborado com a posterior convivência com outros grupos sociais nas vilas e fazendas mais abastadas, que criam outras formas de ajuste do homem ao meio, quebram o ciclo de economia fechada e dá origem à estratificação da sociedade, com a cultura caipira permeando todas as classes sociais da região em maior ou menor medida (Candido, 2023).

2. O que é um dialeto?

A delimitação do conceito de dialeto não é tarefa fácil, como pontua Eugenio Coseriu (2017), que traz as tentativas dos dialetólogos sobre como identificar um dialeto.

Um dos critérios descritos é do grau de compreensão mútua ("se eu não entendo o outro, meu interlocutor, então ele fala outra língua; se eu entendo o outro com dificuldade, então ele fala outro dialeto" (Coseriu, 2017)), que não funciona em alguns casos, quando, embora haja a falta de compreensão mútua, pode estar se falando um mesmo dialeto, ou quando há a compreensão mútua, mas está se falando

línguas diferentes, como, por exemplo, na comparação entre as línguas portuguesa e espanhola (Coseriu, 2017).

6

Outro critério apurado é o da consciência linguística do falante (identificação do dialeto é feita pelo próprio falante), que também é falho em face da ideologia do falante, que depende de outros fatos e circunstâncias, e pode influenciar seu discernimento acerca da relação dialeto/ língua, o que pode ocorrer, supõe Coseriu, com o servo e o croata, nas quais os próprios falantes podem dizer que são línguas completamente diferentes, mas cientificamente são duas variedades de um mesmo dialeto (Coseriu, 2017).

Segundo Coseriu (2017), o dialeto é um conceito relacional, que deve ser compreendido em sua relação com uma língua, daí dizer-se “dialeto de uma língua”. Contudo, tanto o dialeto como a língua são sistemas linguísticos completos. A diferença está apenas no *status* histórico.

Língua histórica é aquela reconhecida historicamente como língua autônoma pelos seus falantes e pelos falantes de outras línguas, como, por exemplo, a língua francesa, a língua inglesa e a língua espanhola (Coseriu, 2017).

O dialeto pode subordinar-se a uma língua histórica por critérios externos ou internos, tal como o Galego se relaciona mais estreitamente com a língua comum portuguesa do que com o castelhano (língua comum) ou catalão e, por isso, é um dialeto da língua histórica portuguesa (Coseriu, 2017).

Numa língua histórica as diversidades internas podem ser ao menos de 3 tipos: diatópicas (no espaço), diastráticas (entre grupos socioculturais) ou diafásicas (modalidades de fala de acordo com a situação), mas, por tradição, apenas a variante diatópica é considerada um dialeto pelos estudiosos (Coseriu, 2017).

Os dialetos primários são aqueles existentes antes da formação da língua comum, como é o castelhano em relação à língua histórica espanhola, enquanto os dialetos secundários surgem por diferenciação diatópica da língua comum, como é o caso do andaluz, canário e diversas formas do espanhol americano em relação à língua histórica espanhola (Coseriu, 2017).

3. O falar caipira é um dialeto?

Há uma região específica onde se fala o caipira, a denominada Paulistânia, podendo-se dizer, ao ver desta autora, que o falar caipira surgiu por diferenciação diatópica em relação à língua comum portuguesa nessa área espacial, de forma que o falar caipira pode ser considerado um dialeto secundário da língua histórica portuguesa.

Acredita-se que, no início do século XVI, além da língua portuguesa, existiam mais de mil línguas indígenas faladas no Brasil, às quais se acrescentaram mais de duzentas línguas africanas trazidas pelas pessoas escravizadas entre 1550 e 1850 (Carvalho, 2021).

Os jesuítas aprenderam e difundiram as línguas indígenas com intuito religioso, como afirma Elaine Maria Santos:

(...) “Ao chegarem os padres [jesuítas] ao Brasil, sem deixarem a portuguesa, verificaram que, para atrair e catequizar os Índios, era indispensável saber a língua deles” (Leite, 1938, p.35), o que fez com que orações e sermões fossem traduzidos para a Língua Tupi e a catequese pudesse ser bem aceita entre os índios.

Seis meses após sua chegada ao Brasil, o Padre José de Anchieta compôs a primeira gramática em Tupi-Guarani que se tem notícia, publicada, em Coimbra, em 1595. Não são raros os relatos de padres, no século XVI, que diante da dificuldade em utilizar a língua dos índios, ou brasílica, solicitavam ajuda dos religiosos mais experientes, alegando que a catequese na língua dos índios era mais eficaz. (...) (Santos, 2020).

Em face da dificuldade de comunicação com os povos originários, alguns colonizadores portugueses tiveram de aprender o tupi e depois as línguas gerais, que eram unificações de variantes linguísticas semelhantes dos povos indígenas consolidadas pelos jesuítas, que foram os idiomas mais falados no espaço brasileiro por aproximadamente 200 anos, segundo sustenta Carvalho (2021).

O nheengatu, a língua geral amazônica, tem origem a partir do tupinambá. A tese de que teria sido criada pelos jesuítas é rejeitada por Stradelli, para quem o nheengatu se trata, na verdade, de um dialeto tupi de surgimento espontâneo na região, decorrente de manifestações vivas e naturais na própria sociedade (Carvalho, 2021). Atribui-se ao nheengatu, a origem do sotaque brasileiro de vogais fortes com sons orais anasalados, diferente do falar consonantal do português europeu (Carvalho, 2021).

A Língua Geral Paulista (LGP) possui semelhanças com o nheengatu amazônico, mas sofreu também outras influências (Carvalho, 2021). A Língua Geral Paulista teve origem no contato dos dialetos falados pelos índios tupis e colonizadores portugueses, tendo sido o principal idioma falado no Estado de São Paulo entre os séculos 16 e 18 (Anunciação, 2014).

A Língua Geral Paulista foi expandida para outras regiões pelos bandeirantes a partir de São Paulo, particularmente para o território dos atuais estados de Minas

Gerais, Paraná, Goiás e Mato Grosso, podendo ser considerada a principal difusora da cultura caipira que resultou na formação do seu dialeto (Carvalho, 2021).

8

Infelizmente existem poucos documentos de registro da LGP: “um dicionário de verbos publicado por Von Martius, sob o nome de ‘Tupi Austral’, e uma lista de palavras colhidas por Saint-Hilaire (século XIX), além da descoberta mais recente de Fabiana Raquel Leite, de um vocabulário de 1.311 entradas, identificado como “Vocabulário Elementar da Língua Geral Brasílica”, publicado na Revista do Arquivo Municipal Paulista em 1936, descrito por essa linguista como um “meio termo linguístico” entre a língua guarani e as línguas tupi faladas no norte do país (Carvalho, 2021).

As denominadas reformas pombalinas, efetuadas pelo Marquês de Pombal entre 1750 e 1777, além de determinar a expulsão dos jesuítas do território brasileiro, proibiram a utilização de outros idiomas além da língua portuguesa, principalmente as línguas gerais, como afirma Carvalho (2021).

A obrigatoriedade de comunicação na língua oficial e a dificuldade da população com essa língua deu origem a adaptações na língua portuguesa, efetuadas pelos novos falantes, com influências da Língua Geral Paulista (Carvalho, 2021).

Esse processo, provavelmente com a colaboração de outras influências linguísticas, foi pouco a pouco criando, de forma espontânea, o dialeto caipira, com suas variações locais, no movimento das bandeiras e na posterior fixação do caipira à terra na região da Paulistânia.

Em tese de doutorado, Lívia Barizon (2022) demonstra influências do Galego no dialeto caipira, mediante estudo comparativo entre as unidades lexicais encontradas nas falas de indivíduos da região do Médio Tietê no estado de São Paulo e as lexias do Galego contidas no Atlas Linguístico do Galego.

5. Como é o dialeto caipira?

A obra de referência para o dialeto caipira e para a dialetologia brasileira é “O Dialetos Caipira”, de Amadeu Amaral, publicada em 1920, tratando-se de “um verdadeiro acontecimento na história da linguística no Brasil”, que tinha como objetivo “descrever o falar caipira em seus diferentes aspectos: fonético, lexical, morfológico e sintático, a fim de retratar de forma mais abrangente um falar regional brasileiro” (Araujo, 2016).

Da perspectiva metodológica a relevância da obra de Amaral é indiscutível, como afirma Ligia de Araujo:

(...) Amaral pautou-se por princípios rigorosos de investigação que considerou indispensáveis e que conferiram confiabilidade à sua descrição, como, por exemplo, a rejeição de dados não verificados pessoalmente por ele que era um autodidata e desenvolveu seu estudo em época em que não contávamos ainda com um centro universitário de pesquisa em São Paulo (Araujo, 2016).

No falar caipira o “tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas” para expressar as emoções da pronúncia europeia da língua portuguesa, como afirma Amaral (1955), que ainda observa que:

Os acentos em que a voz mais demoradamente carrega, na prolação total de um grupo de palavras, não são em geral os mesmos que teria esse grupo na boca de um português; e as pausas que dividem tal grupo na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuídas de modo diverso. Na duração das vogais igualmente difere muito o dialeto: se, proferidas pelos portugueses, as breves duram um tempo e as longas dois, pode-se dizer, comparativamente, que no falar caipira duram as primeiras dois tempos e as segundas quatro. Este fenômeno está estreitamente ligado à lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto dela, pois a linguagem vagarosa, cantada, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais (Amaral, 1955).

Uma das características mais marcantes do dialeto caipira é a pronúncia da letra “r”, o denominado “r” retroflexo, objeto de muitas estigmatizações aos seus falantes, que tem muitas variações nas diversas áreas onde se fala o dialeto, conforme já observou esta autora. O fenômeno é descrito com esmero por Amaral:

b) r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. É, muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema (Amaral, 1955).

Aponta-se abaixo algumas características do dialeto caipira entre as muitas descritas por Amadeu Amaral (1955):

- vogais tônicas: em regra, não sofrem alteração, mas quando seguidas de “s” ou “z”, no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um “i”: rapáiz, méis, péis, nóis, láiz;

- 10
- nas sílabas pretônicas, o “e” - inicial, aparece mudado em “i” nasal: inzame, em vez de exame; inzempro, em vez de exemplo;
 - nos infinitivos dos verbos em “ar” e “er”, conserva-se: cobrá(r), cortá(r);
 - “e” (en, em) - inicial, muda-se para “in” “im”: imprego, incurtá(r), insino;
 - “ai” (ditongo) - antes da palatal “x”, reduz-se à prepositiva: baxo, baxêro, faxa, caxa;
 - “ei” (dit.) - reduz-se a “e” quando seguido de “r”, “x” ou “j”: isquéro, arquêre, chêro, pêxe;
 - nas formas verbais em que o acento tónico recai em “ou”, este se contrai em “ó”: rôba, estôre, afróxa;
 - nas palavras bom, tom e som muda-se para “ão”: bão, tão, são;
 - “b” e “v” – troca-se um pelo outro, dando lugar a várias formas sincréticas: bassôra e vassora – vassoura, berruga e verruga – verruga;
 - “l” em final de sílaba, muda-se em r: quarqué, papér, mér, arma;
 - “lh” - vocaliza-se em “i”: espaiado, maio, muié, filo = espalhado, malho, mulher, filho; e
 - “s” e “z” no final dos vocábulos como sinal de pluralidade, desaparece: os pau, os nó, os ermão, os papé, as frô(r), os urubu.

6. O que é filologia?

Pairam incertezas entre os estudiosos sobre o conceito de filologia, que apresentam definições divergentes, contudo, segundo Botelho (2020), as lições de Bruno Fregni Bassetto, em sua obra “Elementos de Filologia Romântica”, de 2001, podem contribuir para a delimitação do campo de atuação da filologia.

Pode-se dizer, com Bassetto, que a filologia é, em sentido estrito, a ciência do significado dos textos e, em sentido amplo, a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura (Botelho, 2020).

Dessa forma, o presente trabalho, se enquadra no conceito amplo de filologia, na medida em que o objeto de pesquisa é o dialeto caipira e a cultura caipira, mas também se enquadra no conceito estrito de filologia se considerarmos o texto de Amadeu Amaral como o registro base da pesquisa, como, de fato, não dá para fugir dessa referência em face do seu rigor metodológico e da grande expressividade do autor para retratar o dialeto.

Analisou-se, na presente pesquisa, dois trabalhos acerca do dialeto caipira sob a perspectiva filológica, cujas características e resultados principais foram sintetizados abaixo.

i) “O dialeto caipira no interior de São Paulo sob a perspectiva da filologia”, de Rosicleide Rodrigues Garcia (s.d.):

Garcia analisa as raízes e o legado do dialeto caipira no interior de São Paulo, considerando o conceito de filologia do dicionário Houaiss, de estudo científico do desenvolvimento de uma língua, tendo como ponto de partida “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral, de 1920. A pesquisadora concentra seu estudo na região de Capivari/SP, cidade natal de Amadeu Amaral e porta de entrada das bandeiras paulistas rumo ao interior do País.

Garcia acompanhou a evolução do dialeto caipira na região nos séculos XIX, XX e XXI com os seguintes registros: a) livro de Amaral de 1920; b) 72 documentos cartoriais do período imperial (1822/1889), sendo 184 fólios manuscritos, dentre os quais foram selecionados os pertinentes à história de Capivari; e c) oralidade do dialeto em 2006/2007 obtida por entrevistas a 4 pessoas.

Segundo concluiu Garcia (s.d.), as principais características do linguajar caipira não foram perdidas, mantendo-se na fala da região, contradizendo as previsões de Amaral sobre o desaparecimento do dialeto. A pesquisadora levantou grande parte das variantes da língua registradas por Amadeu Amaral e concluiu que, após quase um século, a grande maioria permanecia, como, por exemplo, a abundância de alçamento das vogais (dúvidas e trocas quanto ao uso de /e/, /i/, /o/, /u/) e registros de desnasalações, como *contaje*, no fólio de 1834, e *parage* em 1808, em contraponto a *corage* no XX etc.

ii) “Dialeto caipira, um estudo semântico-lexical de nossas origens”, de Renata Maran-Longuini Romero (2011)

Renata Romero faz uma análise semântico-lexical na fala coletada na região de Itu/SP, buscando responder às seguintes perguntas: a) se as lexias do dialeto caipira apontadas por Amaral em 1920 ainda são recorrentes; b) se há outras realizações com o mesmo valor referencial; e c) se tais lexias poderiam receber as mesmas definições de Amaral.

Em verificação do grau de manutenção, variação ou apagamento do léxico caipira na fala dos ituanos, apurou Renata Romero que estão em processo de apagamento 53,8% das palavras testadas pela pesquisadora dentre aquelas apontadas por Amaral. De outra parte, constatou Romero que 25% das palavras estão em processo de manutenção e 9,6% das palavras tem variação semântico-lexical, ou seja, possuem sentidos diferentes do apontado por Amaral.

Concluiu Renata Romero que o dialeto caipira já não seria o mesmo descrito por Amadeu Amaral:

Por fim, diante dos resultados, se mais de 50% das lexias apontadas por Amaral encontram-se em processo de apagamento, podemos inferir que, hoje, a intercomunicação entre cidade e campo é constante, e sendo assim, a expressiva diferença que havia entre os falares destas regiões, atualmente não se dá de forma tão marcante. Ainda que em regiões mais longínquas o contrário seja verdadeiro, o dialeto caipira apontado por Amaral, já não é mais característico do caipira do século XXI. Aliás, o caipira daquela época não é mais o mesmo, consequentemente, o seu falar também não (Romero, 2011).

Como se vê, nas duas pesquisas, a conclusão foi diferente acerca da continuidade do dialeto caipira. Acredita esta autora que ocorrem os dois fenômenos em todas as regiões: a manutenção de várias características do dialeto observadas por Garcia e o apagamento de grande parte do léxico, como observado por Romero. De todo modo, o dialeto caipira ainda permanece, mas certamente se modifica, como toda língua e sofre influências de vários fenômenos linguísticos.

8. É possível identificar o dialeto caipira em Buritizal?

Buritizal é um município localizado na região da Alta Mogiana, no norte do estado de São Paulo, com população de 4.356 habitantes em 2022, segundo dados do IBGE.

Observa-se em Buritizal ainda hoje, pelo testemunho desta pesquisadora em seu convívio no município atualmente e no passado, a existência de muitas das características apontadas por Eduardo Augusto de Carvalho (2021) em relação ao dialeto caipira falado nas cidades de Itanhandu/MG e de Cruzeiro/SP, que também foram retratadas por Amadeu Amaral (1955), como, por exemplo, as seguintes:

- tendência a trocar o “L” pelo “R” nestas situações: Soldado / Sordado;
- troca do “O” pelo “U” tanto no final quanto no início das palavras: Perigo / Perigu;

- troca do “E” pelo “I” : Esmola / Ismola, Inerente / Inerenti;

-
- troca das vogais “E” pelo “I”: Semestre / Simestre, Desgraça / Disgraça;
 - redução do “LH”: Mulher / Muié, Milho / Mio ou Mil, Filho / Fio;
 - redução de ditongos crescentes: Caixa / Caxa, Matou / Matô;
 - apagamento de consoantes finais: Fazemos / Fazemu;
 - desnasalização de palavras: Garagem / Garage, Homem / Home ou Homi, Sacanagem / Sacanage;
 - adição de vogais: Nudez / Nudeiz, Xadrez / Xadreiz;
 - tendência de concordância verbal no singular: Eles vão / Eles vai; e
 - pronúncia de verbos sem o “R” final: Fazer / Fazê, Comer / Comê, Falar / Falá.

Contudo, constata-se, no decorrer dos anos uma menor frequência das características acima no falar de Buritizal, especialmente para as pessoas com maior grau de instrução, maior poder aquisitivo ou mais distantes das rotinas da zona rural.

A troca do “L” pelo “R” em finais de palavras (Anzol / Anzór Anel / Anér Rural / Rurar), apontadas por Carvalho, não tem sido mais ouvida na fala buritizalense há bastante tempo. Esta autora não se recorda de ter ouvido essa característica no dialeto caipira nessa cidade, mas tão somente em estigmatizações do caipira no cinema, na televisão, no rádio ou na *internet*.

É bastante rara, segundo esta autora, a ocorrência do acréscimo de um elemento (prótese fonética), como a letra “A” (Lembrar/ Alembrar , Preparado/ Apreparado), descrita por Carvalho (2021), somente podendo ser observada na fala de pessoas bem idosas em Buritizal.

Em relação ao léxico retratado por Amadeu Amaral, estima-se que ele deve ter sido falado na região que inclui Buritizal num passado remoto com algumas pequenas variações. Muitas das palavras mencionadas por Amaral são do conhecimento desta pesquisadora e lhe remetem a sua memória da cidade, principalmente a convivência em sítio na infância ou com pessoas idosas, como, por exemplo: amolação, angu, arco-da-veia, artero, atazanar, azucrinar, barbela, berne, bibóca, bisorro, bobiar, bocó, boneca (espiga de milho nova), cafundó, corgo, cosquento, imbigo, injuado (antipático), inredero (fofoqueiro), jirau, ridico (miserável), di veiz (meio maduro atribuído ao fruta) etc.

Muitas dessas palavras são usadas ainda hoje na cidade e envolvem também o sentimento de pertencimento à comunidade. O “corgo”, com a pronúncia aberta no primeiro “o”, por exemplo, se fosse referido como “córrego”, não teria graça nem poesia. “Córrego” não dá poesia, mas “corgo” dá. A palavra “córrego” soa até estranho, parecendo mais um palavrão. Esta autora costuma dizer que se chamar alguém na cidade para ir ao “córrego”, ninguém vai.

Da mesma forma que observou Renata Romero na sua pesquisa na região de Itu/SP, houve o apagamento de grande parte das lexias do antigo dialeto caipira também em Buritizal/SP, principalmente aquelas utilizadas anteriormente no contexto rural.

Acredita esta autora que o fato de a economia de Buritizal/SP ter sido vinculada, por muito tempo, à atividade rural de subsistência, pode ter sido relevante para uma manutenção mais longa do dialeto caipira no município. Também a grande distância de cidades maiores pode ter contribuído para isso.

Hoje em dia, muitas das características do dialeto na cidade desapareceram ou se modificaram em face da maior educação formal, da internet, da economia mais aberta, do “agro” empresarial e industrial, *internet* e da globalização em geral, cujos efeitos quase nenhuma cultura escapa.

9. Considerações finais

O dialeto caipira é uma variante da língua histórica portuguesa, criada com manifestações culturais vivas e autênticas de determinado grupo social, que não deve ser objeto de preconceito linguístico ou de estigmatizações.

A cultura caipira originou-se do ajustamento do grupo social ao meio sob a mobilidade das bandeiras paulistas e posterior fixação à terra nos arredores do caminho (Candido, 2023). O dialeto caipira falado por esse grupo social é marcado pelo modo de viver do caipira, particularmente sua vinculação ao meio rural e o isolamento desses grupos sociais no passado.

Acredita-se que o dialeto caipira teve, além de outras, influências das línguas dos povos indígenas, da Língua Geral Paulista, das adaptações linguísticas na língua portuguesa em face da dificuldade de falar o novo idioma e da sua obrigatoriedade pelas reformas pombalinas.

As influências do Galego no dialeto caipira apuradas por Lívia Barizon (2022) podem ser atribuídas, ao ver desta autora, a elementos galegos existentes na língua portuguesa falada da época da colonização, que foram isoladas no dialeto, embora não tenham remanescido na língua portuguesa, conforme os fenômenos dos arcaísmos observados na língua espanhola no continente americano por Buesa Oliver e Enguita Utrilla (1992, p. 16-17):

Há de señalarse todavía un factor que tiene que ver con la geografía del mundo hispánico y con la evolución diacrónica de los subsistemas fónico, morfosintáctico y léxico de la lengua española: la misma magnitud geográfica del Nuevo Mundo, con las subsiguientes limitaciones de intercambio y comunicación entre unas regiones y otras y con la antigua

metrópoli, ha podido ser causa del mantenimiento em unas zonas de elementos lingüísticos perdidos en otras, a los cuales podemos denominar arcaímos (...) (Oliver; Utrilla, 1992, p. 16-17)

Da análise do dialeto em Buritizal nessa pesquisa, corroboradas pelos resultados das pesquisas mencionadas efetuadas por Garcia e por Romero (2011), observa-se que o dialeto caipira, embora tenha perdido grande parte do seu léxico, especialmente aquele ligado às especificidades do mundo rural, mantém ainda muitas das suas características.

Como sói ocorrer com as línguas vivas, o dialeto caipira vive, modifica-se, influencia e é influenciado por outros fenômenos linguísticos.

Referências

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. Domínio Público. 1955. *E-book*.
- ANUNCIAÇÃO, Silvio. Registro raro de língua paulista é identificado. **Jornal da Unicamp**, nº 591, ano 2014.
- ARAUJO, Lígia Mara Boin Menossi de. O Dialeto Caipira: Contribuições de Amadeu Amaral para a produção de um acontecimento discursivo. **VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil**: Estudos do discurso - questões teórico-metodológicas, sociais e éticas São Carlos, 27-30 jul. 2016. Disponível em: <https://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/download/157/151#:~:text=O%20Dialeto%20Caipira%20publicado%20em,hist%C3%B3ria%2oda%2olingu%C3%ADstica%2ono%20Brasil>. Acesso em: jun. 2024.
- BARIZON, Livia Carolina Baenas. **O léxico caipira**: tesouro da língua às margens do Anhembí. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- BOTELHO, José Mario. Filologia: O que é e qual é o seu campo de atuação?. Um legado de Bruno Bassetto. **Revista Philologus**, v. 26, n. 76 Supl., p. 309-21, 2020.
- BUESA OLIVER, Tomás; ENGUITA UTRILLA, José María. **Léxico del español de América**: su elemento patrimonial e indígena. Madrid: Mapfre, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Todavia, 2023. *E-book*.
- CARVALHO, Eduardo Augusto de. **O dialeto caipira** – Percorrendo a história do português brasileiro. São Paulo: Lisbon Press, 2021.
- COSERIU, Eugenio. “Língua Histórica” e “Dialeto”. Tradução de Carolina Falck Grimm. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, jan./jun. 2017.

GARCIA, Rosicleide Rodrigues. **O dialeto caipira no interior de São Paulo sob a perspectiva da filologia.** s. d. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rosicleide-Garcia/publication/257028181_O_dialeto_caipira_no_interior_de_Sao_Paulo_sob_a_perspectiva_da_filologia/links/odeec5243a4dob8ob4000000/O-dialeto-caipira-no-interior-de-Sao-Paulo-sob-a-perspectiva-da-filologia.pdf. Acesso em: jun. 2024.

PROENÇA, Wander de Lara. O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. **Revista aulas**, v. 4, p. 1-24, 2007.

ROMERO, Renata Maran-Longuini. **Dialeto caipira, um estudo semântico-lexical de nossas origens.** Curitiba: Appris, 2011.

SANTOS, Elaine Maria. As Reformas Pombalinas da Instrução Pública no Brasil: um caso de fracasso? **Revista de Estudos de Cultura**, [S. l.], v. 5, n. 15, p. 51-60, 2020. DOI: 10.32748/revec.v5i14.13848. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/13848>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Recebido: 26/11/2024
Aceito: 30/12/2024
Publicado: 31/12/2024

Vol. 01, **Nº 03** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS